



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



**FEIRA LIVRE DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA COMO  
PATRIMÔNIO IMATERIAL DO ESTADO DE SERGIPE**

Autor: Keile Jayne Nascimento Santos  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sura Souza Carmo

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo destacar a importância da Feira Livre de Nossa Senhora da Glória como patrimônio imaterial do estado de Sergipe. Ao longo dos anos, ela transcende sua função original de centro de comércio, pois, além de influenciar a estrutura física da cidade, desempenha um papel significativo nas interações sociais, econômicas e culturais da comunidade. A feira é um espaço onde as tradições gastronômicas, artesanais e musicais se entrelaçam, contribuindo para a preservação da identidade local e fortalecendo o patrimônio cultural de Sergipe. Os sabores, aromas e cores presentes na feira são expressões vivas da cultura local, transmitidas de geração em geração. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, documental e a etnografia - utilizada para uma descrição pormenorizada da feira. Deste modo, a pesquisa procura reconhecer a Feira Livre de Nossa Senhora da Glória como um patrimônio sergipano, que, à semelhança das feiras de Caruaru e Campina Grande, inscritas nos Livro de Registro dos Lugares do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pode ser valorada como patrimônio imaterial, ou seja, como um espaço de produção e vivências de práticas culturais da região.

**Palavras-chave:** patrimônio; imaterial; feira; etnografia; Museologia.

**Abstract:** The present work aims to highlight the importance of the Feira Livre de Nossa Senhora da Glória as an intangible heritage of the state of Sergipe. Over the years, it transcends its original function as a commerce center, as in addition to influencing the city's physical structure, it plays a significant role in the community's social, economic and cultural interactions. The fair is a space where gastronomic, artisanal and musical traditions intertwine, contributing to the preservation of local identity and strengthening Sergipe's cultural heritage. The flavors, aromas and colors present at the fair are living expressions of local culture, passed down from generation to generation. The methodology used was bibliographical, documentary research and ethnography - used for a detailed description of the fair. In this way, the research

seeks to recognize the Free Fair of Nossa Senhora da Glória as a Sergipe heritage, which, like the fairs of Caruaru and Campina Grande, registered in the Places Registry Book of the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN), it can be valued as intangible heritage, that is, as a space for the production and experiences of cultural practices in the region. **Keywords:** heritage; immaterial; fair; ethnography; Museology

## 1. INTRODUÇÃO

A Feira Livre de Nossa Senhora da Glória, situada no estado de Sergipe, é um local emblemático para a compreensão da cultura, história e tradições locais. Ao longo dos anos, essa feira tem desempenhado um papel fundamental na vida da comunidade gloriense, transcendendo sua função comercial para se tornar um símbolo do patrimônio imaterial do estado de Sergipe. Este trabalho, busca destacar a importância da Feira Livre de Nossa Senhora da Glória como patrimônio imaterial de Sergipe, enfatizando sua historicidade e os aspectos materiais e imateriais que influenciam a vida da população local. Além de ser um centro de comércio, a feira livre representa um elemento cultural crucial para a cidade desempenhando um papel significativo nas interações sociais, econômicas e culturais da comunidade. Como resultado, a feira livre se estabelece como um verdadeiro centro da vida urbana em Nossa Senhora da Glória.

Ressalta-se que a importância da Feira Livre de Nossa Senhora da Glória como patrimônio imaterial vai além de suas atividades comerciais. Ela é um espaço onde as tradições gastronômicas, artesanais e musicais se entrelaçam, contribuindo para a preservação da identidade local. Os sabores, aromas e cores presentes na feira livre são expressões vivas da cultura local, transmitidas de geração em geração. Além disso, a feira livre é um ambiente propício para o fortalecimento das relações sociais e comunitárias. É um local onde os moradores se encontram, trocam experiências e mantêm vivas as tradições que permeiam a história da região. A interação entre feirantes e clientes criam laços sociais significativos, reforçando o tecido social da comunidade gloriense.

Ao explorar a importância e preservação histórica das feiras como patrimônio imaterial, este trabalho busca evidenciar como esses espaços são fundamentais para a manutenção e transmissão das tradições locais. A Feira Livre de Nossa Senhora da Glória não é apenas um mercado tradicional, mas um ponto de encontro onde as tradições são vivenciadas, preservadas e celebradas. Ela desempenha um papel vital na preservação do patrimônio cultural sergipano.

Referente à metodologia, a pesquisa é qualitativa, exploratória e ancorada em fontes bibliográficas, documentais e na realização de uma etnografia da feira - possuindo como instrumentos de coleta de dados o caderno de campo e máquina fotográfica. Dessa forma, a pesquisa busca apresentar a história e aspectos múltiplos da feira ao leitor por meio de uma descrição pormenorizada da mesma, ressaltando sua importância cultural para a região do sertão sergipano.

### **Histórico do município de Nossa Senhora da Glória**

A cidade de Nossa Senhora da Glória, localizada no alto sertão sergipano, a 126 km da capital Aracaju, é um município que abriga uma população de 41.202 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Conhecida como a 'Capital do Sertão', a cidade está inserida no bioma caatinga, característico do semiárido nordestino. O sertão sergipano, desde a época colonial, foi utilizado para a criação de gado, uma vez que o bioma não era adequado para o cultivo da cana-de-açúcar. O povoamento da região de Nossa Senhora da Glória remonta ao período em que se tornou uma rota de gado entre a região do rio São Francisco e o litoral (Almeida, 1984).

A povoação que viria a se tornar a atual cidade recebeu o nome de Boca da Mata, atribuído pelos viajantes que ali descansavam com tropas de gado. No início do século XVII já havia alguns moradores na região, originando o início da povoação nesta rota de tropas que levavam gado para o litoral e outras mercadorias para o sertão. Conforme a economia pastoril se desenvolvia no sertão sergipano com a instalação de currais de gado, a mata que dava nome à região foi devastada (Ferreira, 1959). A localidade foi renomeada quando o pároco Francisco Gonçalves Lima liderou uma campanha entre os moradores para adquirir uma imagem de Nossa Senhora da Glória, mudando o nome de Boca da Mata para Nossa Senhora da Glória (Silva, 1920; IBGE, 2022). O município superou em desenvolvimento sua antiga sede, Gararu, tornando-se, em 1922, sede do 2º Distrito de Paz de Gararu, já com o nome de Nossa Senhora da Glória. Seis anos depois, em 26 de setembro, foi elevada à condição de vila e desmembrada de Gararu. Em 1º de janeiro de 1929, a vila teve seu primeiro intendente, João Francisco de Souza, que construiu a prefeitura (Silva, 1920; Ferreira, 1959; Silva, 1984; IBGE, 2022).

A economia da cidade está ligada na atualidade à agricultura e à pecuária. Nossa Senhora da Glória, nos últimos anos, tem se destacado como uma importante bacia leiteira, devido principalmente a sua produção de queijos artesanais comercializados em toda a região (Cerdan Carvalho Filho, 2000). No setor industrial, o município abriga grandes indústrias nos

segmentos de móveis, calçados e laticínios, além de se destacar no comércio de vestuário. Todos estes produtos são comercializados na sua feira livre, considerada a maior da região e porta de entrada para o Sertão sergipano.

Além disso, é importante ressaltar que Nossa Senhora da Glória apresentou um crescimento populacional significativo nos últimos anos. Segundo o censo do IBGE de 2022, a população atingiu 41.212 pessoas, representando um aumento de 26,79% em relação ao censo de 2010. Além da sede do município, existem sessenta e um povoados, incluindo Angico, Aningas, Lagoa Bonita, Nova Esperança, São Clemente, Quixaba e Lagoa Grande. Nossa Senhora da Glória está situada entre os municípios circunvizinhos Canindé do São Francisco, Feira Nova, Gararu, Graccho Cardoso, Itabi, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo, Porto da Folha e São Miguel do Aleixo.

Nossa Senhora da Glória é uma cidade rica em cultura e tradições que refletem a identidade local e a herança histórica da região. As festas populares, manifestações artísticas, culinária típica e expressões culturais desempenham um papel fundamental na vida dos habitantes locais e das comunidades vizinhas. Esses eventos marcantes reúnem a comunidade em celebrações animadas, com música, dança, comidas típicas e manifestações folclóricas, proporcionando oportunidades para preservar as tradições culturais e fortalecer os laços comunitários.

Algumas das festas mais populares da cidade incluem a Festa de Nossa Senhora da Glória, celebração religiosa em homenagem à padroeira da cidade; o Rock Sertão, evento que destaca a cultura musical da região, com shows de bandas e artistas que celebram o rock e outros gêneros; o Carnaforró, festa de rua mais esperada pelos habitantes locais, que aguardam ansiosamente por essa celebração durante o ano todo.

Além disso, as Festas Juninas também são muito populares em Nossa Senhora da Glória, com danças, comidas típicas, quadrilhas juninas e muita animação. Essas festividades são oportunidades para preservar as tradições culturais. A música sertaneja e nordestina tem grande importância na cultura local, sendo apreciada pela população. Além disso, as danças tradicionais, como o forró e o xaxado, fazem parte das expressões culturais da região e são frequentemente apresentadas durante as festas populares.

A culinária típica também faz parte da cultura de Nossa Senhora da Glória, ela é um reflexo da diversidade cultural da região, com pratos tradicionais que incorporam ingredientes locais e técnicas culinárias transmitidas ao longo das gerações. Pratos à base de milho, feijão verde, carne de sol e outras iguarias regionais são apreciados pelos moradores e visitantes. A

cidade possui ainda artistas locais que expressam sua criatividade por meio de pinturas, esculturas, artesanato e outras formas de arte.

A cultura de Nossa Senhora da Glória é um reflexo do modo de vida local, das tradições ancestrais e do espírito acolhedor do povo gloriense. A preservação desses elementos culturais é fundamental para manter viva a herança histórica e fortalecer o orgulho da comunidade em ser sertanejo. Por fim, a agricultura familiar é uma característica marcante do município, contribuindo para a produção de alimentos e o fortalecimento da economia local.

### **A Feira como um patrimônio**

As definições de patrimônio cultural geralmente referem-se a bens, valores e tradições que são considerados herança cultural, histórica, natural, artística ou social de uma determinada região, país ou comunidade. Esses bens e valores podem incluir monumentos, edifícios históricos, artefatos, tradições folclóricas, manifestações culturais, áreas naturais preservadas, entre outros.

[...] pode-se definir o patrimônio cultural como o conjunto de manifestações ou objetos nascidos pela produção humana que uma sociedade recebeu como herança histórica e que constituem elementos significativos de sua identidade como povo. Tais manifestações ou objetos constituem testemunhos importantes do progresso da civilização e exercem uma função modelo ou referencial para toda a sociedade; daí sua consideração como bens culturais (Pereira Júnior, 2018, p.3).

Dentre as motivações para a salvaguarda do patrimônio cultural está a preservação da identidade e da memória de um povo, garantindo que as gerações futuras possam conhecer as riquezas culturais e naturais que fazem parte da história do seu grupo social ou outras culturas. A preservação do patrimônio também, nas palavras de Hugues de Varine (2012), está a serviço do desenvolvimento local, contribuindo para o turismo cultural, o fortalecimento da identidade local e o desenvolvimento sustentável das comunidades.

Funari e Pelegrini (2006) ressaltam que discutir patrimônio é uma tarefa desafiadora, porém necessária, para compreensão mais ampla do tema e de suas contribuições para o entendimento do ser humano enquanto sujeito no mundo. A valorização do patrimônio cultural visa, antes de mais nada, promover, por meio da preservação de práticas culturais e de processos de produção, o exercício da cidadania e uma melhor qualidade de vida para as pessoas no presente. São os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que tornam determinados bens patrimônios de uma coletividade.

Que a cultura não se constitui, portanto, em objetos mas considerados em si mesmos, intrinsecamente valiosos, nem apreender referências significa

apenas armazenar bens ou informações. Ao identificarem determinados elementos como particularmente significativos, os grupos sociais operam uma ressemantização desses elementos, relacionando-os a uma representação coletiva a que cada membro do grupo de algum modo se identifica. (Fonseca, 2005, p. 113)

No Brasil o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão responsável, desde 1937, pela salvaguarda do patrimônio nacional. Durante décadas o IPHAN realizou apenas a valorização do patrimônio material por meio do instrumento jurídico do tombamento que selecionava bens principalmente relacionados à arquitetura do período colonial, sobretudo determinadas sequências estilísticas como o “estilo chão”, "Maneirismo" e "Barroco". Edificações civis, eclesiásticas e militares foram e continuam sendo tombadas em 4 livros: Histórico, Belas-Artes, Artes Aplicadas e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Fonseca, 2005).

A diversidade cultural brasileira, expressa em diversos bens culturais imateriais, apenas no ano 2000 passou a ter um instrumento de valorização pelo IPHAN. Fruto de um alargamento da noção de patrimônio, o Decreto 3.551 de 2000 instituiu o registro como instrumento jurídico para a valorização do patrimônio imaterial. Castro e Fonseca (2003) definem o patrimônio imaterial como as:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados e que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (Castro; Fonseca, 2003, p. 11-12).

De acordo com Letícia Vianna (et al., 2011, p. 9), o registro é um processo social que envolve “interesses, conflitos e princípios de solidariedade”. Para Marcos Paulo Miranda (2006, p.106), diferente do tombamento, o registro é uma ferramenta que dá suporte em “ações que visam impedir posterior utilização indevida dos conhecimentos e práticas envolvidos na manifestação cultural”. Dessa forma, o registro de bens culturais não é restritivo, ou seja, não procura “congelar no tempo” as manifestações culturais. O registro propiciou uma representatividade mais plural para o povo brasileiro, ocorrendo em quatro livros: Livro dos Saberes; Livro das Formas de Expressão, Livro das Celebrações; Livro dos Lugares. Sobre o patrimônio imaterial, Fonseca advertiu sobre a dicotomia material/imaterial, assinalando que ambos possuem materialidade/imaterialidade:

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo, propriamente, a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível suporte físico. Todo signo (e não apenas os bens culturais) tem dimensão material (o canal físico de comunicação) e simbólica (o sentido, ou melhor, os sentidos) – como duas faces de uma moeda (Fonseca, 2005, p.191).

Registrada em 2006, no Livro dos Lugares, a Feira de Caruaru, localizada em Pernambuco, é considerada a maior feira ao ar livre da América Latina e desempenha um papel fundamental na preservação das tradições culturais do Nordeste brasileiro. Reconhecida como patrimônio imaterial, a feira representa a riqueza da cultura popular, promovendo a comercialização de produtos artesanais, culinária típica, música e danças tradicionais. Além disso, o reconhecimento da Feira de Caruaru como patrimônio imaterial contribui para a valorização e preservação das práticas culturais locais, estimulando o turismo cultural e promovendo a geração de renda para os artesãos e comerciantes locais.

A Feira de Caruaru é um verdadeiro ícone da cultura nordestina, oferecendo uma experiência rica em tradições e costumes. A feira secular é realizada em um amplo espaço onde se pode observar a autenticidade da cultura nordestina. Os visitantes têm a oportunidade de interagir com os artesãos e comerciantes locais, conhecendo de perto as tradições e as histórias por trás dos produtos. Ela abrange uma imensa variedade de produtos artesanais, como peças de barro, rendas, bordados e tecelagem, representando o talento e a habilidade dos artesãos locais. Além disso, a culinária típica é um ponto alto da feira, com pratos tradicionais como a carne de sol, buchada de bode, macaxeira<sup>1</sup> e muito mais. A música também desempenha um papel importante, com apresentações ao vivo de forró e outros gêneros musicais regionais. As danças folclóricas também estão presentes, proporcionando um ambiente festivo e animado.

Um espaço onde as mais diversas expressões culturais, ofícios e modos de fazer tem presença marcante e encontram um mercado com condições de mantê-lo. Essa é a Feira de Caruaru. Ela é única porque reflete os valores da cultura do agreste pernambucano, além de apresentar objetos e práticas da região, ou seja, ela é única porque só nela existe esta composição de atividades, produtos e formas de expressão (Miranda, 2009, p.146)

O registro da Feira de Caruaru e de Campina Grande pelo IPHAN demonstram a importância cultural das mesmas e seu papel crucial na preservação e valorização do patrimônio cultural de uma comunidade. Além de serem espaços comerciais, elas representam verdadeiros epicentros de práticas culturais coletivas, conforme estabelecido pelo IPHAN (Iphan, 2017). Nesses eventos, a identidade local se manifesta e se fortalece por meio da

---

<sup>1</sup> Macaxeira, nome popular da mandioca (*Manihot esculenta*) no Brasil. Também é conhecida como *aipim* em algumas regiões, especialmente no Sudeste.

comercialização de produtos típicos, artesanato regional, culinária tradicional, além das expressões musicais e danças características da região. Desse modo, as feiras livres não apenas representam um aspecto significativo do patrimônio imaterial, mas também desempenham um papel vital na preservação e transmissão das tradições culturais de uma comunidade. Gil Porto (2021) em estudo sobre a patrimonialização de feiras, salientou a importância histórica das mesmas no processo de abastecimento das cidades brasileiras por séculos:

A forma de comércio que se estabelece nas feiras livres é uma das atividades humanas que marcam a formação socioespacial brasileira. As feiras foram, por mais de dois séculos, a principal fonte de abastecimento para a maioria da população do país. A partir da segunda metade do século XX esses mercados periódicos passaram a concorrer com lojas de supermercados, no entanto continuam resistindo às formas modernas de comercialização. Em função de seu conteúdo espacial, histórico, econômico e cultural, têm se tornado bens imateriais de alguns municípios brasileiros (Porto, 2021, p. 188).

A feira é o local onde diferentes gerações se encontram para compartilhar não apenas produtos, mas também histórias, músicas, danças e saberes. Cada participante da feira contribui para essa riqueza cultural, seja através da culinária típica, das artes manuais, das lendas locais ou das práticas de cura tradicionais. Essa diversidade de expressões culturais formam uma teia de relações sociais que dá vida e significado a esse espaço único. São espaços em constante movimento, onde o passado se encontra com o presente, evidenciando a continuidade das tradições e a adaptação às mudanças. À medida que as relações sociais se estabelecem e se renovam, esses espaços se transformam, preservando e enriquecendo o patrimônio em suas comunidades. Para Lacerda e Mendes:

[...] as feiras são marcadas como lugares de encontro, caracterizadas como fenômeno econômico e social. Elas são mosaicos, são espaços em que a multiplicidade se manifesta e se completa. São os lugares onde tudo acontece ao mesmo tempo, numa aparente desordem, mas funcionando em harmonia. Inúmeros mini eventos acontecendo ao mesmo tempo em um só espaço (Lacerda; Mendes, 2019, p.144).

Os laços que unem o passado e o futuro ganham vida por meio do conjunto de práticas que fluem entre os diversos sujeitos sociais que ocupam o espaço da feira. É nesse ambiente que as tradições se entrelaçam com a modernidade, onde as técnicas artesanais se mesclam com inovações contemporâneas, criando um cenário dinâmico e pulsante de patrimônio cultural imaterial. Cada interação na feira é uma oportunidade para vivenciar a herança cultural de gerações passadas, enriquecendo-a com novas narrativas e experiências (Lacerda; Mendes, 2019). Assim, essas práticas não apenas preservam as tradições, mas também as renovam, mantendo viva a essência única desse espaço especial.

Além disso, a feira é um lugar de interação comunitária, promovendo a integração entre os moradores locais e visitantes, fortalecendo os laços sociais e fomentando o orgulho da identidade cultural da região. Além de preservar o conhecimento tradicional, as feiras livres são locais onde as técnicas artesanais, os métodos de cultivo agrícola, as receitas culinárias e outras práticas tradicionais são transmitidas de geração em geração. Essa transmissão oral do conhecimento preserva saberes que são fundamentais para a compreensão da cultura popular. Além disso, as feiras livres são espaços onde os produtos regionais são valorizados e comercializados. Isso inclui alimentos, artesanato, plantas medicinais, produtos de origem animal, entre outros.

Portanto, as feiras livres não são apenas espaços para a troca de produtos alimentícios e artesanais, elas funcionam como expressões dinâmicas que destacam a diversidade cultural de uma comunidade. Ao participar das feiras, os visitantes têm a oportunidade de vivenciar em primeira mão as tradições, músicas e danças que fazem parte do tecido social local. São atrativos turísticos proporcionando aos visitantes uma experiência genuína e envolvente na cultura local. Ao explorar as feiras livres, os visitantes têm a chance de se envolver com a riqueza cultural da comunidade, participando de interações com os vendedores e artistas locais. Isso não apenas enriquece a experiência dos turistas, mas também contribui para a valorização e a preservação das tradições populares da região.

Com descrição pormenorizada na seção a seguir, a preservação e promoção da Feira de Nossa Senhora da Glória como patrimônio sergipano é fundamental para garantir a continuidade das tradições, o fortalecimento da identidade regional e o estímulo ao turismo cultural, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região.

### **Etnografia da Feira de Nossa Senhora da Glória**

Para descrever os aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais da Feira Livre de Nossa Senhora da Glória, foi utilizado o método etnográfico por permitir a observação do funcionamento da feira sem interferir no seu funcionamento, ou seja, enquanto pesquisadora, a atuação foi de uma observadora-participante que, em alguns momentos, realizava questionamentos aos feirantes e, na maior parte do tempo, observava e realizava anotações no caderno de campo. Por se tratar de uma etnografia, esta seção final do artigo será escrita na primeira pessoa por se tratar de um relato de uma pesquisa de campo em Museologia, que procurou, transmitir, da maneira mais fidedigna possível, os diversos aspectos da feira de Nossa Senhora da Glória que a torna patrimônio imaterial sergipano.

Para Carmem Mattos (2011, p.54) a etnografia “é a escrita do visível” sendo que a “descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo”. Portanto, o relato descritivo da feira pretende levar o leitor a imaginar como ocorrem as relações sociais e principalmente, como a feira é lugar que pode ser considerado um patrimônio devido a riqueza de interações sociais que proporciona.

Ressalta-se que para a realização da etnografia houve a observação da Feira Livre de Nossa Senhora da Glória por um tempo determinado. Deste modo, a pesquisadora, residente no município, observou a feira durante todo o mês de outubro, novembro e dezembro de 2023, nos dias de sexta-feira e sábado, no primeiro dia, acompanhando sua montagem e comercialização e, no último dia, observando também o comércio e sua desmontagem.

Começamos a narrativa afirmando que a Feira Livre de Nossa Senhora da Glória já é considerada patrimônio cultural e imaterial no âmbito estadual. No dia 28 de setembro de 2021 o governador do Estado Belivaldo Chagas Silva aprovou em lei que a Feira Livre da Capital do Sertão é Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado.

A feira de Nossa Senhora da Glória acontece aos finais de semana, começando na sexta-feira e indo até o sábado às 17:00 horas. Na sexta-feira ela começa por volta das 17:00 horas, quando os comerciantes chegam para montar suas barracas (fig. 01). Os produtos são transportados principalmente em caminhões grandes, pois é neles que podem transportar grande quantidade de produtos - antigamente as mercadorias eram transportadas principalmente por animais. A chegada dos feirantes traz uma mistura de sentimentos, com gritos e movimentação intensa. A sexta-feira é mais turbulenta, pois os comerciantes correm para montar suas barracas ao mesmo tempo que começam a atender os primeiros clientes.



Figura 01: Feira a noite  
Fontes: Acervo Pessoal, 2023.

A feira começa em frente ao Centro de Distribuição Sebastião Lopes, conhecido como CEASA<sup>2</sup>, na Rua Tv Ana, no Centro da cidade, onde podemos encontrar uma grande quantidade de bancas, caixotes, caixas, cestos e lonas no chão com uma infinidade de frutas, legumes, doces, bolos e frutos do mar além do restaurante itinerante onde os feirantes fazem suas refeições. À medida que a tarde avança, o movimento na feira aumenta e o pessoal começa a chegar, pessoas de todas as idades, vindas de todos os cantos da cidade. Senhores e senhoras, jovens, pais acompanhados de seus filhos, recém-saídos da escola, se misturam aos trabalhadores que aproveitam o final do expediente para garantir os alimentos da semana. Crianças e famílias inteiras se reúnem nesse espaço que se transforma em um verdadeiro ponto de encontro. É como se fosse um *shopping center* ao ar livre, onde as cores vibrantes das frutas frescas, o aroma dos legumes e a diversidade de produtos alimentícios proporcionam uma experiência sensorial única.

A feira ocupa um amplo espaço no centro da cidade, organizado em várias áreas distintas. Ela se estende por toda a área adjacente ao CEASA, que é o local designado para a comercialização de frutas e verduras frescas. Nesse ambiente vibrante, é possível encontrar também restaurantes móveis, barracas de doces e deliciosos frutos do mar. O CEASA está situado na Rua da Palma, no coração da cidade.

---

<sup>2</sup> Centro de abastecimento e distribuição de alimentos, um espaço destinado à comercialização de produtos hortifrutigranjeiros, como frutas e legumes, além de outros alimentos. É um ponto central para o abastecimento alimentar em diversas cidades brasileiras.

A feira começa no centro de abastecimento, onde se oferece uma grande variedade de verduras, legumes, raízes, queijos, ovos e até remédios medicinais. Em frente ao CEASA, na Rua Tv Ana, estão localizadas as bancas repletas de verduras e legumes, além de uma infinidade de frutas. Também há barracas de doces e bolos, assim como restaurantes itinerantes e barracas que vendem frutos do mar. Entre as ruas Voluntários e rua Pedro Alves Feitosa, estão as bancas de roupas, sapatos, artigos de casa e decoração. Na praça, popularmente chamada, dos três quiosques, oficialmente chamada de Pr. Antônio Alves Oliveira, no centro, os feirantes têm à disposição uma barraca de pastel, açaí, milho, amendoim e uma barraquinha com CDs, DVDs e cordéis enquanto esperam o transporte para retornar a seus povoados. Por fim, na Rua Ulisses Alves de Oliveira encontra-se o mercado municipal, dedicado a peixes, frangos e outras opções de carnes.

De acordo com a Figura 02, é possível visualizar o mapeamento das ruas ocupadas pela feira livre. Ao observar a vista via satélite, podemos notar toda a extensão da feira de Nossa Senhora da Glória no centro da cidade. As ruas onde se encontram as diversas bancas que compõem a feira foram destacadas com uma linha vermelha. Os círculos verdes demarcam o espaço da Praça dos Três Quiosques, o círculo amarelo o CEASA e o círculo laranja o Mercado Municipal.

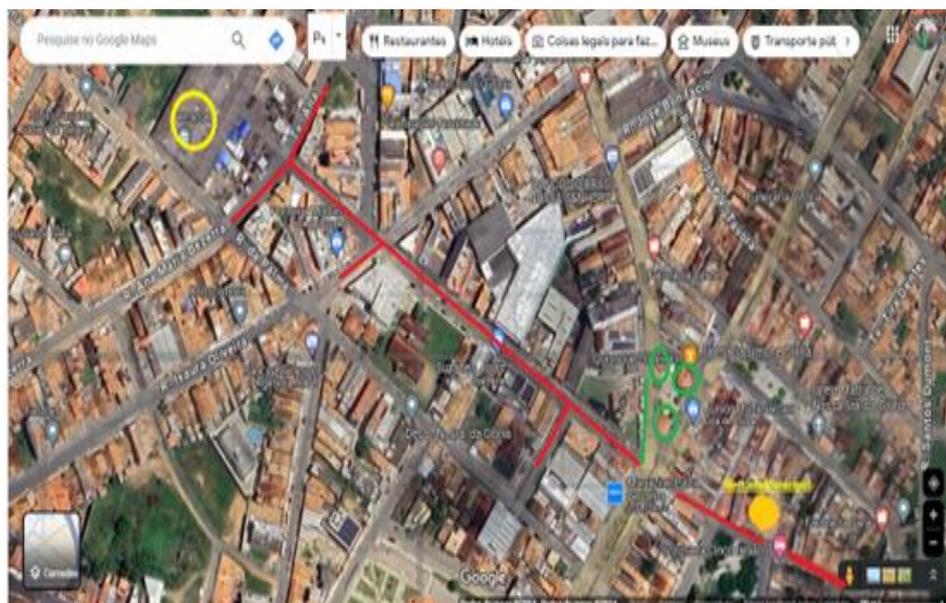


Figura 02: Mapa da extensão da feira

Fonte: pesquisa de campo, fotografia adaptação do Google Maps. Acervo Pessoal. Março de 2024

As bancas da feira exibem um verdadeiro espetáculo de cores, com frutas, doces, azedas e amargas dispostas de maneira atraente com os comerciantes convidando os clientes a explorar essa riqueza. Um aspecto interessante, e até mesmo divertido, é observar algumas pessoas experimentando as frutas antes de comprá-las, buscando confirmar se estão doces ou maduras. Os vendedores incentivam os clientes a provar as frutas, muitas vezes afirmando que se não estiverem saborosas, o cliente não precisa pagar. Alguns afirmam: "Pode provar, se estiver azeda, semana que vem lhe dou seu dinheiro de volta", dizem alguns vendedores. Assim, mais um cliente parte satisfeito com sua escolha, enquanto o feirante se alegra por ter vendido sua mercadoria. Durante a experiência de compra, é possível notar que algumas bancas oferecem preços mais acessíveis do que outras, algo comum em qualquer feira. Em conversas com alguns feirantes, eles ressaltam que as mercadorias provenientes de sua própria produção tendem a ser mais atrativas para os consumidores em termos de preço e qualidade. Por outro lado, as mercadorias adquiridas de terceiros muitas vezes não permitem oferecer preços mais baixos.

Ainda na travessa Ana, encontramos o restaurante interativo, onde é preparado as refeições, lugar onde os comerciantes e visitantes podem desfrutar de uma refeição após um longo dia de trabalho. No café da noite são comercializados pratos que representam a culinária local, como cuscuz, macaxeira e carne de sol. Além disso, os caldinhos e o churrasco são opções populares entre os frequentadores do restaurante. Ali ainda no CEASA, os comerciantes organizam suas mercadorias para o dia seguinte. Enquanto isso, do lado de fora do CEASA, a agitação continua até tarde da noite, proporcionando um ambiente animado e cheio de energia. A presença dos moradores ao redor do CEASA influencia diretamente nas atividades do local, o barulho gerado pela movimentação da feira pode perturbar a tranquilidade dos residentes locais, resultando na necessidade de encerrar as atividades em determinado horário.

Na sexta-feira, por volta das nove horas da noite, no Mercado Municipal, localizado na rua Ulisses Alves de Oliveira, em frente à praça Filemon Bezerra Lemos, começa a movimentação de feirantes que comercializam uma variedade de carnes que serão vendidas no sábado. Essas mercadorias ficam armazenadas em locais organizados e higienizados, aguardando a chegada dos clientes. O Mercado Municipal é parte integrante do complexo onde a feira está situada. Além do armazenamento das carnes, o Mercado Municipal desempenha um papel fundamental na oferta de produtos frescos e de qualidade para os consumidores. A diversidade de opções disponíveis reflete a riqueza da produção local e proporciona aos clientes uma experiência completa de abastecimento. Neste espaço a movimentação é sempre intensa, pois além da população local de Glória, chegam também pessoas das cidades vizinhas para fazer as compras da semana. Essa área fica lotada de pessoas pelas ruas e carros estacionados.

Na mesma rua, há um espaço dedicado a bancas de aves e peixes. Nesse local, há um corredor com duas fileiras de bancas; de um lado ficam as aves e do outro os peixes. Ao fundo do mercado, encontramos uma seção dedicada às vísceras dos animais, entre outras especialidades. Esta não é uma parte muito agradável de visitar, mas é bastante visitada, pois é lá que se encontra a famosa tripa, um prato típico dos nordestinos. Por ser uma região com pequenos criadores de animais, é possível encontrar diversas aves para abate em casa ou no local, bodes, carneiros (vivos ou a carne), além da comercialização de carne bovina. A localização estratégica do Mercado Municipal, em frente à praça Filemon Bezerra Lemos, contribui para a atmosfera animada e movimentada do local. A presença dos comerciantes e clientes cria um ambiente vibrante e cheio de energia, especialmente durante as preparações para o dia seguinte.

Quanto à organização da feira em relação às barracas, segue-se o mesmo padrão das demais feiras livres do estado de Sergipe (fig. 03). A maneira como os comerciantes organizam suas mercadorias varia: alguns as colocam em cima das bancas, outros usam caixotes, e há aqueles que utilizam cestos redondos de palha ou as dispõem sobre lonas no chão. As bancas são estruturas de ferro, e algumas são de madeira. Quanto às coberturas, algumas são de ferro com lona em cima e outras são de madeira. As bancas do CEASA e do Mercado Municipal são balcões de alvenaria revestidos com cerâmica, visando facilitar a limpeza após a feira livre.



Figura 03: Banca de verduras  
Fontes: Acervo Pessoal, 2023.

No sábado a feira começa entre quatro e cinco horas da manhã, com o restante dos feirantes chegando para arrumar suas mercadorias. Aos sábados, a feira é ainda maior, pois

além das verduras e frutas, também recebem os comerciantes de roupas, calçados, roupas de cama, mesa e banho, artesanatos, decorações para casa, produtos de limpeza, utensílios domésticos, plantas, remédios caseiros, bijuterias, bolsas, chapéus, produtos de couro e bugigangas. Neste dia a feira se estende, tomando várias ruas do centro da cidade. Há um alvoroço grande, pois às 6 horas da manhã os clientes começam a chegar para fazer suas compras da semana. A rua da Palma fica aglomerada, com comerciantes de todos os lados exibindo suas mercadorias.

Na manhã de sábado a agitação é intensa pois os animais estão chegando. As pessoas correm para comprar as galinhas de capoeira, levar os ovos para casa e pegar as encomendas feitas na semana anterior. É uma confusão, com as galinhas cacarejando com medo da multidão, o bezerro murmurando de um lado e o carneiro berrando do outro. É uma loucura, mas ao mesmo tempo muito engraçado presenciar toda essa agitação que só encontramos na feira. Isso tudo acontece no corredor, onde são expostos animais de pequeno e grande porte, como galinhas, carneiros e até bezerros. Além disso, há uma grande quantidade de ovos de capoeira que logo são vendidos rapidamente pelos clientes. Também é possível encontrar queijos coalho, requeijão, raspa de queijo e manteiga do sertão disponíveis para compra.

No CEASA (fig. 4) o movimento também se inicia cedo com os comerciantes organizando meticulosamente seus produtos em bancas que ganham vida aos poucos. As folhas vibrantes das alfaces embelezam o ambiente, enquanto o perfume do coentro paira no ar, atraindo os clientes com sua fragrância irresistível. O colorido dos tomates agrega mais vivacidade ao espaço, enquanto os feirantes anunciam em alto e bom som as promoções do dia, convidando os clientes a saborear e experimentar a frescura e qualidade dos alimentos. Por outro lado, uma senhora compartilha seu conhecimento com o neto, ensinando-o a empacotar os pimentões com cuidado e atenção. É um verdadeiro espetáculo de interação humana e conexão com a natureza, onde cada detalhe conta uma história única e troca de saberes entre gerações.



Figura 04: Ceasa  
Fontes: Acervo Pessoal. 2023

Próxima ao CEASA há a barraca de doces que se destaca como um dos pontos mais movimentados da feira. Os clientes procuram por bolos frescos e encontram uma variedade impressionante de opções: bolo de leite, bolo de macaxeira, bolo de arroz, bolo de ovos e muito mais. A variedade de bolos na culinária local, é importante frisar, está relacionada à produção açucareira do Nordeste desde o período colonial. Além disso, há uma grande variedade de doces típicos da região, como pé de moleque, beijus em diversas formas (secos, molhados, doces e salgados), tapiocas tradicionais e tapiocas recheadas com chocolate, que chamam a atenção dos feirantes e visitantes que chegam. Esses doces são feitos de forma artesanal, seguindo uma tradição passada por gerações.

Nas ruas que conectam a Rua dos Voluntários à Rua Pedro Alves Feitosa, encontramos grandes lojas de roupas, jóias, farmácias, artigos de festas e supermercados, além de outras lojas, formando um amplo corredor comercial. Ao longo desse corredor, são montadas duas enormes fileiras de barracas, uma em cada lado, em frente as calçadas, criando um ambiente movimentado e repleto de opções para os visitantes. O corredor permanece aberto para que as pessoas possam circular livremente e desfrutar de toda a diversidade de produtos e serviços oferecidos. Neste corredor ficam expostas as roupas, calçados, produtos de cama, mesa e banho e utensílios para cozinha, artesanatos entre outras mercadorias.



Figura 05: Corredor de bancas  
Fontes: Acervo Pessoal. 2023

O espaço dedicado às roupas e decorações (fig. 05) é um espaço vibrante e bem movimentado, as cores vivas das roupas se mesclam com as cores dos artigos de decoração, proporcionando uma experiência tranquila e animada para os comerciantes e clientes. De repente, o vendedor da barraca da frente grita: 'Chega pra cá que o preço baixou! Duas calças pelo preço de uma! Eu falei duas pelo preço de uma, vamos morena, vai levar o que hoje?' Outro grita: 'Promoção! Olha a promoção! Chega para a loja!' É engraçado ver como os clientes correm para as bancas quando as promoções são anunciadas ansiosos para ver o que está sendo ofertado e se realmente vale a pena.

O bate-papo entre os feirantes e os clientes cria um ambiente acolhedor e descontraído, de camaradagem e cooperação. É comum ver os próprios comerciantes recomendando produtos uns dos outros, demonstrando não apenas o espírito empreendedor, mas também a solidariedade presente nesse ambiente. Por volta do meio-dia, o movimento começa a aumentar, marcando o momento em que as pessoas chegam para fazer compras na seção de roupas. Jovens e adultos se aglomeram, preenchendo o ambiente com um burburinho animado. Enquanto alguns experimentam as peças, outros fazem suas escolhas, e os vendedores utilizam microfones e caixas de som para anunciar seus produtos com grande alvoroço. Os clientes saem carregados de sacolas, passando de barraca em barraca para conferir qual oferece os melhores preços.



Figura 06: Feirantes atendendo clientes  
Fontes: Acervo Pessoal, 2023.

A barraca especializada na venda de chapéus e bolsas de palha é altamente frequentada por clientes da cidade, bem como por visitantes de povoados e cidades vizinhas. A vendedora enfrenta dificuldades para atender a todos simultaneamente, chegando a se sentir sobrecarregada com a demanda dos clientes em busca de informações sobre os preços dos produtos. Nesse estabelecimento, raramente um cliente sai sem efetuar uma compra. Apesar da disponibilidade de diversas opções de pagamento, ainda há clientes que solicitam o sistema tradicional de crédito, conhecido como 'fiado'. Embora algumas dessas solicitações sejam atendidas, outras são recusadas. Mesmo diante de justificativas como 'Hoje não é possível, pois estou com margem de lucro reduzida e os custos dos produtos estão elevados', os clientes continuam a demonstrar interesse na aquisição dos itens desejados. Os clientes estão atentos aos preços e buscam as melhores ofertas, enquanto os feirantes tentam atender a todos (figs. 06 e 07), mesmo que isso signifique lidar com muitas perguntas e negociações.

A feira livre é frequentada por um público diversificado, cada segmento com suas respectivas intenções. As famílias comparecem em busca de produtos alimentícios frescos e de qualidade, ao mesmo tempo em que desfrutam do ambiente comunitário. Os idosos mantêm a tradição de frequentar a feira pela manhã, estabelecendo conexões com os produtores locais e preservando práticas culturais relacionadas à aquisição de alimentos frescos.



Figura 07: Feirante e vendedor  
Fontes: Acervo Pessoal, 2023

Os jovens e adultos exploram a variedade de produtos oferecidos, desde ingredientes exóticos até opções prontas para consumo, demonstrando um interesse crescente por alimentos orgânicos e artesanais, alinhado à busca por práticas sustentáveis. Além disso, muitos jovens também frequentam a feira em busca de roupas e acessórios, aproveitando a diversidade de itens disponíveis e a oportunidade de adquirir peças únicas e artesanais. Essa busca por vestuário na feira reflete uma valorização crescente de produtos locais e sustentáveis, ao mesmo tempo em que contribui para a dinamização do comércio dentro desse espaço comunitário.

Os feirantes são empreendedores que vendem alimentos frescos diretamente dos produtores em feiras e mercados locais. Eles conhecem bem os produtos que comercializam e trabalham em estreita colaboração com os agricultores locais para garantir a qualidade dos alimentos. Além de oferecer opções saudáveis e frescas, eles desempenham um papel crucial no fortalecimento da economia local. Conforme uma pesquisa simples que realizei, 55% dos feirantes são oriundos da própria cidade e das áreas adjacentes, enquanto os 45% restantes vêm de municípios vizinhos. Homens e mulheres de diversas faixas etárias, desde adolescentes até idosos, atuam como feirantes na feira livre de Nossa Senhora da Glória.

A feira livre é verdadeiramente um espaço de trocas e encontros singulares. Enquanto caminhamos entre as barracas coloridas e aromáticas, nossos ouvidos são embalados por diálogos animados e saudações calorosas. É comum escutarmos vozes conhecidas se

cumprimentando com um afetuoso "Zé, como anda a vida?", revelando laços comunitários enraizados na simplicidade do cotidiano.

A feira é bastante movimentada na área do restaurante, onde pessoas de todas as regiões da cidade se reúnem para desfrutar o almoço aos sábados. Com um aroma tentador ao meio-dia, o cardápio é diverso, oferecendo opções como churrasco, farofa, arroz, macarrão, feijão, buchada e uma variedade de saladas, atendendo aos gostos de todos os consumidores. Aqueles que não desejam almoçar correm para a barraca do caldo de cana, onde podem se deliciar com pastéis e um caldo de cana fresquinho. Até mesmo os feirantes não dispensam a oportunidade de fazer sua refeição neste ambiente tão animado e acolhedor. Os frequentadores dos povoados fazem questão de passar por ali; enquanto almoçam, se cumprimentam com gestos carinhosos, alguns balançando a cabeça e outros levantando a mão, todos felizes por reencontrar seus amigos.

Outro local bastante movimentado durante a feira livre é a Praça dos Três Quiosques, situada na Praça Antônio Alves Oliveira, sendo um ponto de encontro dos feirantes. Além de ser um lugar atrativo, é onde muitos aguardam seus meios de transporte para retornar às suas localidades. Enquanto esperam, refrescam-se com refrigerantes, água de coco e, para aqueles que gostam, tomam uma cerveja para se refrescar. É um lugar de rica tradição, onde os mais velhos costumam aguardar seu transporte. Nesse espaço, eles se sentavam e conversavam sobre a vida, reencontravam amigos e compartilhavam momentos especiais. Nas proximidades, encontramos mudas de plantas enxertadas e móveis fabricados artesanalmente.

Na tarde de sábado a feira mantém seu funcionamento, porém, às quatorze horas o movimento diminui, e as pessoas direcionam-se às barracas de roupas, encontrando mais promoções à medida que o horário avança. Nesse momento, é mais comum a presença dos moradores da cidade, que optam por fazer suas compras mais tarde. É importante ressaltar que, nesse período, a qualidade das frutas e verduras disponíveis é inferior, com algumas bancas sem estoque e outras oferecendo produtos já deteriorados devido à exposição ao sol. Esse horário é mais adequado para aquisições domésticas por ter menos pessoas adquirindo produtos. Além disso, a interação entre os comerciantes e os clientes nesse período também é única, pois se intensifica as oportunidades de negociações devido a proximidade do horário de finalização da feira. A procura por ofertas e promoções no final da feira pode ser um hábito consolidado na rotina dos consumidores locais, gerando uma dinâmica própria desse período do dia. Ao percorrer os espaços da feira foi possível observar uma ampla manifestação da cultura local, apresentando uma diversidade impressionante de narrativas que destacam as cores, tamanhos e aromas como elementos que transmitem a essência da construção das raízes

do povo sertanejo. O espetáculo das cores, sabores e cheiros das bancas e restaurantes, as conversas entre populares e as músicas tocadas ressaltam a riqueza da cultura local e o patrimônio gastronômico da região. Cada fruta/verdura exposta conta uma história de tradição e cuidado com a terra, transmitindo não apenas um festival visual, mas também carregando consigo a herança cultural das gerações que cultivaram aquelas terras áridas para a subsistência.



Figuras 08 e 09 : São feirantes fazendo suas compras  
Fontes: Acervo Pessoal, 2023

Ao percorrer a feira livre, me vi imersa em memórias da minha infância, relembrando como tudo permanece da mesma maneira ao longo dos anos. A forma como as pessoas vivenciam a feira, desde a escolha cuidadosa dos produtos até as animadas conversas com os feirantes, é um reflexo vivo da cultura local. Cada barraca e cada interação transmitem tradições e costumes enraizados na comunidade, proporcionando uma experiência que vai além da simples compra e venda de produtos. A feira livre não apenas fornece alimentos frescos e produtos artesanais, mas também preserva e celebra a identidade cultural do local, conectando gerações e mantendo viva a essência da tradição.

Ao conduzir a etnografia da feira livre de Nossa Senhora da Glória, o foco foi ressaltar a importância das práticas culturais presentes nesse ambiente. Além disso, foi investigada a maneira como a cultura popular se manifesta nas interações entre os feirantes e os frequentadores, nas tradições e nos costumes locais, assim como na venda de produtos típicos da região. A pesquisa também revelou que a presença da cultura popular na feira livre se

expressa por meio de expressões artísticas, músicas regionais, práticas culinárias tradicionais e até mesmo em formas de entretenimento que fazem parte do cenário da feira. A etnografia proporcionou a oportunidade de registrar e compreender como a cultura popular está entrelaçada com as atividades diárias da feira livre, enriquecendo ainda mais a compreensão desse espaço singular e animado.

### **Considerações finais**

A feira livre de Nossa Senhora da Glória destaca-se como um espaço onde as tradições e costumes locais são preservados e celebrados. É um centro de manifestações culturais e folclóricas que refletem a riqueza da cultura nordestina, contribuindo para a preservação e valorização das raízes regionais. Os produtos regionais, o artesanato local e a culinária típica presentes na feira representam elementos fundamentais da identidade sergipana. A diversidade de itens à venda na feira reflete a riqueza da produção local, promovendo a economia criativa e sustentável da região.

É essencial reconhecer o valor das feiras livres como espaços que contribuem ativamente para a preservação e celebração da cultura popular. Ao apoiar esses eventos e valorizar as manifestações artísticas presentes nelas, estamos fortalecendo o elo entre as gerações passadas, presentes e futuras, garantindo que as tradições culturais permaneçam vivas e relevantes ao longo do tempo.

A feira livre é muito mais do que um simples local de comércio. Ela é um verdadeiro reflexo da cultura e do patrimônio de uma região, um ambiente pulsante. Cada feira livre carrega consigo a história e a identidade do lugar, e de um povo, preservando tradições antigas e celebrando a riqueza cultural que a torna tão especial. Esse trabalho procurou demonstrar a importância da valorização e preservação desses espaços, pois eles mantêm viva a essência da comunidade, pois são eles que contribuem para a construção do patrimônio cultural da região. Ao apoiarmos as feiras livres, estamos não apenas fortalecendo a economia local, mas também protegendo e promovendo a herança cultural regional para as gerações futuras.

## AGRADECIMENTOS

Ebenézer: até aqui nos ajudou o Senhor - 1 Samuel 7:12

Primeiramente, gostaria de agradecer à pessoa que me fez chegar até aqui, ao arquiteto da minha vida, pois sem ele nunca teria realizado esse sonho. Meu Deus, obrigada por ter me permitido realizar o desejo do meu coração. É com imensa gratidão e emoção que dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização. Agradeço à minha orientadora Sura Carmo, cuja sabedoria, paciência, carinho e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também aos meus colegas de curso, verdadeiros companheiros de jornada, que compartilharam conhecimento, experiências e apoio nos momentos mais desafiadores.

Ao grande amor da minha vida, meu filho amado João Marcos, cuja presença é a maior bênção em minha vida e a inspiração por trás de cada passo dado nesta jornada acadêmica. Meu amor por você transcende palavras e se reflete em cada conquista alcançada. Dedico essa grande conquista ao meu amado irmão João Marcos, in memoria, cujo espírito inspirador e presença marcante continuam em meu coração. Agradeço por cada momento compartilhado e por todo o amor que nos une para sempre. Aos meus avós, pais, tios, irmãos - pilares de força e apoio em todos os momentos - agradeço por estarem sempre ao meu lado, celebrando as vitórias e compartilhando os desafios. Cada gesto de carinho, cada palavra de estímulo ecoa em cada página deste trabalho como uma homenagem à nossa união e cumplicidade.

Agradeço também ao meu tio-pai Érico Diego, figura exemplar de dedicação e carinho, que nunca mediu esforços para atender meus desejos e sonhos com generosidade e amor verdadeiro. À minha mãe na fé Bispa Leny, guia espiritual e exemplo de determinação e fé inabaláveis, agradeço por ser a luz que ilumina meus passos nos momentos mais sombrios e por sua orientação sábia que sustenta minha jornada com esperança e propósito.

Não poderia deixar de agradecer à Maria Joice, minha irmã na fé, que sempre acreditou e me motivou a correr atrás dos meus sonhos. Com profunda gratidão e reconhecimento, dedico este trabalho a pessoas extraordinárias que moldaram minha jornada acadêmica e inspiraram meus sonhos mais grandiosos. Agradeço de coração às minhas eternas professoras Priscila Maria de Jesus e a Maria Gorette Fernandes, cuja orientação e incentivo incansáveis me impulsionaram a perseguir cada um dos meus objetivos com determinação e paixão. A todos

os meus professores verdadeiros mestres do saber que generosamente compartilharam conhecimento, experiência e sabedoria ao longo desta jornada, meu mais sincero agradecimento. Quero fazer um agradecimento especial a duas pessoas que deixaram uma marca profunda na minha vida: minha casca de bala Carol e minha amada professora Ana Kelly, vocês são verdadeiros exemplos de inspiração e motivação, ajudando-me a seguir meus sonhos e objetivos. Sou imensamente grata por todo o carinho, amor e cuidado que sempre demonstraram.

A todos vocês que iluminaram meu caminho com sua presença amorosa e apoio incondicional: minha eterna gratidão. Que nossa união continue a nos fortalecer, inspirar-nos e guiar-nos rumo a novas conquistas e realizações. Que este trabalho seja não apenas uma expressão de minha gratidão, mas também um tributo ao amor e união que nos conecta para sempre

## Referências

ALESE. Feiras livres contribuem para a economia local dos municípios e fortalecem a cultura em Sergipe. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/feiras-livres-contribuem-com-a-economia-local-fortalecem-a-cultura-em-sergipe/>>. Acesso em: 30/01/24.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe**: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Vozes, 1984.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília. Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CERDAN, C.; CARVALHO FILHO, O. M. de. Os pequenos produtores de leite no semiárido nordestino: diferentes formas de inserção ao mercado regional. In: MOTA, D. M. et al. (Ed.). **Agricultura familiar**: desafios para a sustentabilidade. Aracaju, Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2000.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. V. 19. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

IBGE. Histórico de Nossa Senhora da Glória. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/nossa-senhora-da-gloria/historico#:~:texto%20nome%20Nossa%20Senhora%20da,sino%20para%20a%20primeira%20capela>>. Acesso em: 22 de dez. 2023.

IPHAN. Feira de Campina Grande (PB) é novo patrimônio cultural do Brasil. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4367/feira-de-campina-grande-pb-e-novo-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 15 de Janeiro.2024.

LACERDA, Fernanda Ramos; MENDES, Geisa Flores. A feira como lugar de memória: imagem, patrimônio e tradição na produção do espaço geográfico. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v.12, n.1, p.141-154, 2019.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, CLG., CASTRO, PA., (Orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva, **A feira na cidade**: limites e potencialidades na interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **Tutela do patrimônio cultural brasileiro**: doutrina, jurisprudência e legislação. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE). Prefeitura. Disponível em: <https://gloria.se.gov.br/texto/1/historia-do-municipio>. Acesso em: 13 Feve. 2024.

PEREIRA JUNIOR, Magno Vasconcelos. Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil. **Biblio3W**: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, vol. XXIII, n. 1.239. p.1-13, 2018.

PORTO, Gil Carlos Silveira. Patrimonialização, território usado e processo de registro da feira livre de domingo de Alfenas (MG) como bem cultural imaterial do município. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.31, Número Especial 2, p.187-202, 2021.

SERGIPE TRADE TOUR. Nossa Senhora da Glória. Disponível em: <<https://sergipetradetour.automatoweb.com/atrativo/105>>. Acesso em: 19 de

Janeiro.2023.SILVA, Clodomir de Souza. **Album de Sergipe: 1820-1920**. São Paulo: Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1920.

SILVA, Zenilde de Jesus. Municípios criados e instalados: resumo histórico. In: **Boletim “Arquivo Público Estadual”**. Aracaju, ano III, n. 4, jun. 1984. p. 3-24.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VIANNA, Leticia C. R.; SALAMA, Morena; BREGALDA, Damiana; AMORIM, Patricia; PAZ, Maria. **Avaliação Preliminar da Política de Salvaguarda de Bens Registrados (2002 - 2010)**. Brasília: DPI/IPHAN, 2011



